

POLÍTICA EXTERNA NOS GOVERNOS LULA:

o Embate com a Mídia Tradicional a Partir da Análise
das Capas da Revista *Veja*

JULIANA VALPASSO DE ANDRADE*

RESUMO

O presente trabalho tem a intenção de fazer um panorama da política externa desenvolvida por Lula da Silva ao longo de seus dois mandatos – 2003-2010 – de maneira a explicitar o conflito formado com a mídia tradicional configurada, neste caso, como a revista semanal *Veja*. Para tanto, foram traçadas linhas gerais da política externa desenvolvida por Lula. Além do mais, buscou-se demonstrar o conflito entre Lula e *Veja*, a partir das capas da revista em questão, afirmando as discordâncias com base na mudança de eixo da política externa no período Lula.

Palavras-chave: Política Externa; Lula da Silva; *Veja*.

ABSTRACT

This paper intends to do an overview of foreign affairs developed by Lula da Silva throughout his two mandates – 2003-2010 – in order to explain the conflict formed with traditional media set, in this case, as the weekly magazine *Veja*. For this purpose, foreign affairs lines were drawn demonstrate what Lula did during his government. Besides, an attempt was to demonstrate the conflict between Lula and *Veja*, from the covers chosen for this paper, affirming disagreements based on the change in direction of foreign affairs during Lula's government.

Keywords: Foreign Affairs; Lula da Silva; *Veja*.

*Mestranda em História pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista CAPES. Bacharel em História (2017) pela Universidade Federal Fluminense e Relações Internacionais (2014) pela Universidade Cândido Mendes. Email: julianavalpasso@hotmail.com

Introdução

Com o objetivo de traçar um comparativo entre as capas da revista *Veja*¹ e a política externa desenvolvida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em seus 8 anos de mandato, este trabalho tem por pretensões iniciais estabelecer um breve quadro acerca da política externa desenvolvida por Lula da Silva. Ademais, é importante explicitar o papel da mídia em meio à problemática que envolve o embate entre mídia tradicional – configurada no papel da revista *Veja* – e o governo Lula na primeira década do novo milênio.

Duramente criticado pela mídia tradicional, o governo Lula apareceu em várias capas da revista *Veja* – mídia de circulação impressa que mais influencia as classes A e B no Brasil – ao longo de seus dois mandatos. Ao se fazer a análise das capas desta revista, com relação à política externa desenvolvida no governo Lula, é possível perceber seu posicionamento diante do tema, bem como o discurso tradicionalista, defendido por *Veja*, existente por trás das ilustrações das capas, fazendo críticas ao governo e à figura do presidente.

Materializado o conflito, busca-se apresentar “o modo como a *Veja* interpreta o governo Lula e o traduz no dispositivo de capa”², durante os 2 mandatos deste presidente. Ao analisar *Veja*, revista formadora de opiniões, que se mostra contra o governo Lula – por esta se tratar de uma revista comandada pela direita do país – pretende-se explicitar a tática utilizada pela revista para a construção de seu conteúdo de capa, de forma a desfavorecer o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Política Externa de Lula

No que compete à política externa, cabe mencionar, primeiramente, que o presidente Lula da Silva consolidou projetos iniciados pelo seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. Mas não apenas isso. Lula promoveu uma reformulação do conceito de política externa traçado por FHC. Se à época de Fernando Henrique Cardoso a política externa havia se consolidado como *autonomia pela integração*, Lula vai um pouco além a promovendo a *autonomia pela diversificação*.

Para tanto, Lula da Silva busca um aprofundamento enfático na cooperação sul-sul em vistas de reduzir assimetrias com relação aos países do norte. Ainda nesse sentido, ele se coloca a favor do “equilíbrio internacional, procurando atenuar o unilateralismo”³. Multilateralismo e relações bilaterais são fortalecidas como forma de aumentar o poder negociador do país. Retoricamente, é possível perceber semelhanças sutis entre os discursos dos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luis Inácio Lula da Silva. Por outro lado, as ações efetivas apresentam grandes discrepâncias, uma vez que o presidente Lula, levou sua política externa por um viés muitas vezes dito enraizado na política tradicional do Partido dos Trabalhadores,

1 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/>.

2 ALMEIDA, Tânia. *Opções e sentenças em capas da revista VEJA sobre o primeiro governo Lula (Brasil, 2002 a 2006)*. 2008. 176f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008, p.44.

3 VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação, *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro. Vol. 29. Nº 2. 2007, p.291.

como afirmado por autores como Paulo Roberto Almeida⁴ e Tullo Vigevani e Gabriel Cepaluni⁵.

Colocando o país entre as nações que controlam seus destinos, o Estado brasileiro passou a caminhar junto com setores sociais promovendo ganhos internos e externos. Para definir, então, a política externa adotada no governo Lula da Silva, é preciso entender, não apenas os cenários nacional e internacional.

A despeito de muitas das decisões tomadas em seu governo quanto à política externa serem ditas advindas de ideais tradicionalistas do PT é, ainda, possível perceber uma retomada de ideias da época do desenvolvimentismo. Isto é notável, se for levada em consideração a exaltação da soberania nacional, tão presente em ambos os paradigmas: de nacional-desenvolvimentismo e de autonomia pela diversificação. A principal mudança entre os dois governos se deu, especialmente, no foco de alianças com grandes potências, no governo FHC, para alianças com potências médias, no governo Lula.

As implicações que chegam com o novo milênio na conjuntura global fizeram surgir temas que pesaram as atitudes do presidente Lula quanto às relações bilaterais, especialmente com os Estados Unidos. A emergência do terrorismo que assolou este país em setembro de 2001 teve consequências a nível mundial, de forma que o posicionamento brasileiro deve ser levado em consideração. Uma vez que o Brasil já era reconhecido como ator internacional e potência emergente influente na América do Sul – e no sul global de maneira geral – e se posicionou contra a guerra ao terror disseminada pelo EUA.

Ademais de conceitos como soberania e terrorismo, no século XXI, o conceito de globalização – tão atrelado ao Neoliberalismo do final do século XX – adquire autonomia. Militarismo e transnacionalismo passam a ser os principais multiplicadores deste fenômeno da globalização. Atingindo as relações norte-sul, vê-se um ofuscamento das potências do norte em detrimento do fortalecimento dos Estados emergentes do sul, principalmente quando estes se unem em alianças bilaterais ou multilaterais.

Dentre as muitas conceituações que podem ser feitas acerca de suas atividades em política externa, duas são pertinentes ao presente trabalho: *Estado logístico* e *autonomia pela diversificação*. Para tanto, é preciso deixar claro que a diplomacia presidencial do governo Lula caminhou de forma a travar relações que favorecessem – ou, pelo menos, não prejudicassem – os interesses nacionais e a soberania do Estado brasileiro. Algo que enfatiza ainda o importante papel que o Brasil passa a desempenhar nas relações internacionais é a luta constante de Lula por um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Quando se fala em *Estado Logístico* é imprescindível ter em mente o que acaba de ser dito acerca da diplomacia presidencial do Lula. O conceito pode ser colocado de maneira sucinta como nada mais que a inserção do Brasil como Estado ativo no cenário internacional. Sendo um pouco mais específico, Amado Luiz Cervo adiciona:

[...]: o liberalismo de mercado com regras de reciprocidade de benefícios, a expansão dos negócios no exterior pela via do comércio e da internacionalização de empresas brasileiras e, enfim, o reforço de poder para influir sobre o ordenamento global e os regimes setoriais. Nisso consiste a estratégia logística⁶.

4 ALMEIDA, Paulo Roberto de. Um exercício comparativo de política externa: FHC e Lula em perspectiva. *Paulo Roberto de Almeida*. Brasília, 14 mar. 2004.

5 VIGEVANI & CEPALUNI, *op.cit.*

6 CERVO, Amado Luiz. Sob o signo neoliberal: as relações internacionais da América Latina, *Revista brasileira de Política Internacional*, Brasília, Vol. 43, N° 2, 2000, p.520.

Diferentemente do nacional-desenvolvimentismo, o *Estado logístico* não atua de forma passiva, aceitando o mundo como ele é. Diz-se logístico porque o Estado se lança aos desafios e tenta promover mudanças globais que estejam de acordo com interesses nacionais benéficos de maneira geral à comunidade internacional. “O Estado entra com o peso do nacional sobre a política exterior e torna-se agente da governança global”⁷, capaz de tomar suas próprias decisões em direção aos objetivos almejados.

Vale ressaltar, inclusive, que graças à abordagem de política externa entendida como Estado Logístico, uma gama variada de empresas brasileiras intensificou sua internacionalização, e para tantas outras foi possível começar a internacionalizar-se. A título de exemplo, a Odebrecht, segundo Pedro Henrique Pedreira Campos⁸, começou a sua internacionalização em fins da década de 1970 e, posteriormente, nos governos de Lula da Silva, intensificou o processo já iniciado. “A partir de 2005, no final do primeiro mandato do governo Lula, essa tendência aprofundou-se, consolidando um processo de internacionalização produtiva de capitais brasileiros”⁹.

É possível, até mesmo, arriscar dizer que a política externa desenvolvida por Lula deu força ao empresariado brasileiro, quanto à sua atuação política. Outra empresa que teve bastante destaque em sua internacionalização foi a JBS-Friboi. De acordo com Rocha¹⁰, principalmente durante o segundo mandato de Lula da Silva e com financiamento do BNDES, a referida empresa expandiu seu capital para fora do país, tornando-se uma das maiores desse ramo no Brasil.

No que compete à autonomia pela diversificação, como bem dito acima, é perceptível um novo leque de parcerias e contatos inovadores. De maneira criativa, Lula estabelece alianças com Estados cujo desenvolvimento e participação no cenário internacional independem da maneira como atua o país norte americano.

Dentre as novas alianças estão África do Sul, China e Índia e, ainda, Estados vizinhos sul-americanos. Isso possibilitou a concepção de blocos entre países que não possuíam agendas internacionais tão próximas. Ao diversificar as parcerias internacionais, Lula da Silva não apenas afirmou a independência do Brasil com relação aos Estados Unidos, como também se aliou a Estados emergentes, tendo a China se tornado um dos principais parceiros comerciais do Brasil.

Dentre premissas errôneas e assertivas, o fato é que o governo do presidente Lula foi capaz de proporcionar melhorias reais ao país. “Dificuldades e resistências encontradas internamente pelo governo Lula da Silva com relação à sua política exterior surgem da complexidade para a determinação de prioridades e para a fixação de metas nacionais claras e específicas”¹¹. A adoção do novo paradigma de política exterior – autonomia pela diversificação – aumentou o leque de possibilidades brasileiras no âmbito de negociações externas, enaltecendo interesses e soberania nacionais, ao mesmo que inseria o país no mundo globalizado.

Revista Veja: Capas e Seus Conteúdos

Uma vez que a mídia televisiva apresenta desde sua criação um setor massivo de

7 *Ibidem*, p.259.

8 CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *Estranhas catedrais: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar, 1964-1988*. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.

9 ROCHA. Danilo, Estado, empresariado e variedades de capitalismo no Brasil: política de internacionalização de empresas privadas no governo Lula, *Rev. Sociol. Polit.*, vol.22, no.51 Curitiba, July/Sept. 2014, s/p.

10 *Idem*, 2014.

11 VIGEVANI & CEPALUNI, *op.cit.*, p.317.

informação com uma velocidade muito superior à mídia impressa, a reinvenção de jornais e revistas se dá todos os dias para que não haja um atraso em sua participação no cotidiano. Dessa forma, assim como a televisão, a mídia impressa desempenha papel de destaque no abastecimento social de informação. A mídia tem um papel fundamental de trazer à luz assuntos específicos de determinadas esferas sociais às quais um cidadão comum tem acesso limitado.

Veja, inserida nesse contexto, traz em seu dispositivo de capa informações capazes de, demonstrando implícita ou explicitamente sua ideologia, convencer o leitor e, mais que isso, persuadi-lo a ler a realidade a partir de seu ponto de vista. Abandonando a imparcialidade considerada necessária aos meios de comunicação, a revista ataca abertamente não apenas o presidente Lula da Silva, como também seu partido – o PT –, em seus 8 anos de governo (2003-2010).

Acerca do emblemático tema no qual este trabalho está inserido, cabe dizer que o embate entre *Veja* e o Partido dos Trabalhadores de forma geral não é algo novo – sequer se iniciou com a chegada de Lula da Silva à presidência. Desde a criação do partido – na década de 1980 – ele é alvo de oposição da revista. Nesse contexto, Lula da Silva encabeçou todas as tentativas à presidência da república, obtendo êxito em 2002 e 2006.

Antes mesmo de assumir a presidência da república, Lula já começara sendo alvo da revista *Veja*. Mas foi em seu primeiro ano de mandato que a revista começou seu bombardeio contra o presidente, ainda que de maneira modesta e tímida. Porém, a partir de 2004 e, sobretudo, em 2005 e 2006 – anos do Mensalão e de eleições presidenciais, respectivamente – Lula esteve presente na maioria das capas da revista.

A escolha do dispositivo de capa se deu, pois sua leitura é capaz de dar ao leitor uma informação rápida, dinâmica e instantânea sobre o fato. “Por ser um lugar privilegiado de apresentação da notícia, a capa já [informa a] importância atribuída a determinada matéria em detrimento das demais”¹². As capas, conseqüentemente, apresentam o dueto imagem e escrita que chamam a atenção do leitor que realiza duas leituras: a primeira é o que a revista está noticiando pelo simples olhar das imagens representadas no dispositivo; a segunda requer olhar e leitura mais atentos para que se possa captar o que realmente a revista quer noticiar.

É, pois, assim que o presidente Lula da Silva e seu governo são noticiados nas capas da revista *Veja*. O que se segue abaixo é uma interpretação das imagens e palavras contidas no dispositivo de capa da revista no que se refere à política externa desenvolvida por tal presidente.

Uma vez que a proposta é trabalhar política externa, é importante o fato de que, não por mero acaso, a maioria das capas selecionadas para exposição trás implícita ou explicitamente a postura da revista diante das relações do Brasil com Estados Unidos – e, conseqüentemente, os presidentes Lula da Silva e George Bush (posteriormente Barak Obama) – e com os países vizinhos da América Latina.

Veja não apenas acredita, mas defende que a postura de política externa brasileira de ser traçada no eixo norte-sul, privilegiando relações com Estados Unidos da América e países do oeste europeu. Lula, por outro lado, deu ênfase a política externa voltada para relações sul-sul, privilegiando os Estados vizinhos da América do Sul. A revista vislumbrou, pois, a melhor oportunidade para atacar o presidente.

As 4 capas¹³ escolhidas tratam de questões de política externa. A primeira capa na qual Lula da Silva aparece com imagem de presidente, data ainda de 2002. Mais precisamente de dezembro, 2 meses após as eleições presidenciais onde o próprio Lula saiu vitorioso.

¹² *Ibidem*, p.26.

¹³ Capas disponíveis em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>.

Imagem 1 – Lula vai a César



Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*

O título “Lula vai a César” deixa claro para o leitor que César nada mais é que uma apologia a um dos mais ilustres imperadores de Roma, César. A própria ilustração retrata o então presidente da época George Bush caracterizado como o imperador César. Poderoso e imponente, ele é considerado uma unanimidade acima de tudo e de todos, juntamente com seu país, Estados Unidos. Sua figura retratada à frente, maior que o presidente Lula atesta seu poder perante o segundo. Lula, num plano inferior tem uma fotografia bastante reduzida de maneira a demonstrar sua inferioridade perante os EUA. Outro fator sempre presente quando *Veja* retrata os Estados Unidos em suas capas é a águia símbolo do país, como forma de mostra a disseminação da cultura norte-americana pelo mundo.

O que *Veja* quer levar o leitor a entender é a impotência do Brasil e sua incapacidade de trazer o presidente dos EUA para negociar em território brasileiro. De forma que Lula é colocado como maior interessado em manter relações com aquele país por se tratar, o Brasil, de um país em desenvolvimento com relação ao primeiro. A ótica da política externa está, pois, na própria materialização das relações Brasil – Estados Unidos.

Imagem 2 – Coragem ou estupidez?



Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*

Na capa de *Veja* acima, de 15 de outubro de 2003, é possível identificar de imediato a discrepância de tamanho entre a águia norte-americana e a ave porte menor – ilustrada como um pintinho – representando o Brasil. Através disso, pode-se entender a inferioridade brasileira frente aos Estados Unidos. Sendo a águia um símbolo já conhecido dos EUA, *Veja* busca sempre representar o Brasil – que não possui um animal oficial que o represente – com essa ilustração de ave pequena, de forma a atestar sua inferioridade aparente.

A capa retrata o embate que o Brasil enfrentou com a área de livre comércio que os Estados Unidos queriam implantar no continente americano. O subtítulo “**Brasil peita os EUA na Alca**” em contraponto à imagem da personagem brasileira frente à personagem norte americana representada pela águia leva o leitor a crer, novamente, que o Brasil não é um Estado poderoso o suficiente para encarar um país como os EUA.

A manchete “**Coragem ou estupidez?**” comparada à ilustração da capa poderia ser interpretada da seguinte forma: se o Brasil, diante dos Estados Unidos é um Estado tão franco e influentemente pequeno no cenário internacional, seria, a recusa de participar na Alca, realmente um ato de coragem ou uma estupidez, a partir do momento que vai contra a vontade de um Estado tão influente internacionalmente como os EUA? *Veja*, nesse sentido, quer fazer com que o leitor entenda, de acordo com sua ilustração, que o Brasil não se encontra numa posição vantajosa para recusar a vontade do Estado norte americano.

Imagem 3 – Essa doeu!



Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*

Veja, na capa do dia 10 de maio de 2006, apresenta a manchete “**Essa doeu!**” que complementa a ilustração do presidente Lula da Silva de costas para o leitor com um pé sujo de petróleo em seu traseiro, representando um chute. É importante ressaltar a consonância da ilustração com a manchete, pois Lula – única ilustração que figura esta capa – é, mais uma vez, ilustrado de maneira ridicularizada por *Veja*.

No que se refere à política externa apresentada na capa, inicialmente é importante mostrar o papel desempenhado pelo multilateralismo. *Veja*, que sempre acreditou e demonstrou em suas capas que a política externa brasileira deveria seguir a norte americana, reafirma, dessa vez, seu desagrado quanto às relações desenvolvidas com a América Latina.

Quando da chegada à presidência, Lula volta suas atenções para relações com Estados do sul do globo, contrariando a tradicional política externa americanista, *Veja* encontra um “prato cheio” para malzizer o presidente e a maneira como este desenvolve sua política externa. A menção ao presidente boliviano, Hugo Chavez, faz ressaltar que este é retratado pela revista como um esquerdista ditador, capaz de tirar a paz do continente americano.

Imagem 4 – O imperialismo megalonico



Fonte: Acervo Digital da Revista *Veja*

A capa do dia 30 de setembro de 2009 traz novamente o Brasil representado pela imagem de uma ave de pequeno porte, como ilustrada também na capa do dia 15 de outubro de 2003. A escolha das cores se deu por se tratar das cores da bandeira brasileira: azul ao fundo, verde nas letras do nome “*Veja*”, amarelo nas palavras “o imperialismo” e branco na palavra “megalomaniaco”. A ave que representa o Brasil – nesse caso, enfurecida – traz no peito um escudo não oficial também nas cores da bandeira, juntamente com uma faixa branca rasgada no bico e, em cada pata, um ramo de café – que representa a economia brasileira – e flechas – que, embora não constem no brasão oficial, podem ter seu sentido ligado ao imperialismo português à época do descobrimento do Brasil.

O subtítulo faz menção a uma “tradição diplomática” brasileira que pode ser interpretada como a tradição da não interferência nos conflitos quando não convocado, bem como solução pacífica dos mesmos, se assim for preciso. No caso específico trazido por *Veja* – o conflito de Honduras –, a mesma acusa o Brasil de intrometer-se ou, ser imperialista, nos países do continente americano, em suas políticas internas.

A palavra “megalonico” é colocada pejorativamente de forma a levar o leitor a acreditar que, ainda que o Brasil seja grandioso territorialmente, não é capaz, todavia, de um ato como o imperialismo – já posto em prática por países europeus e Estados Unidos. O Brasil, embora deva se esmerar nos Estados do norte do globo, ainda não é capaz, por outro lado, de feitos como os deles.

Em meio às mudanças ocorridas, a culminância da chegada de Lula da Silva à presidência da república serviu para a revista *Veja* como um prato cheio para apresentar suas discordâncias tanto à própria figura do presidente, quanto o partido que ele representava – o PT. Mais especificamente, “a imprensa se redesenha de acordo com os grupos e partidos dentro e fora do poder, [dada à existência de] periódicos governistas e de oposição”¹⁴. O tema de política externa serviu à revista *Veja* como grande fonte de ataque ao Lula, especialmente quanto às relações externas por ele desenvolvidas ao longo de seus dois mandatos.

Lula da Silva fez consolidar no país um modelo de política externa que já havia sido trabalhado brandamente por seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. A respeito desse modelo, chamado de presidencialismo, é preciso um chefe de Estado forte e ativo nos trabalhos de política externa. Nesse sentido, pode-se dizer que a tradição da política externa foi, não quebrada, mas modificada, transformada. De forma que, além de mantidos seus principais pontos como: soberania nacional, solução pacífica de controvérsias e multilateralismo – este último com maior ênfase nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Lula da Silva –, foram incorporados novos pontos à agenda internacional, bem como novos parceiros.

Tudo isso fez com que o Itamaraty, ao longo da década de 1990, perdesse gradualmente sua força burocrática e elitista, dado o questionamento por mais transparência, levando-o a uma redefinição de seu papel na constituição das relações exteriores. Hirst, Lima e Pinheiro afirmam que:

em coerência com sua própria história institucional, que envolve reformas, reorganização interna para ajustar-se aos “novos tempos” e preservar algum grau de autonomia e poder de pilotagem, esta agência procurou responder às demandas de fóruns multilaterais, das organizações internacionais e da atual multidimensionalidade das relações internacionais. [...], por meio da especialização que alcança espaços, regiões e temas múltiplos, o Itamaraty busca manter-se atuante e participativo nas esferas em que se desenrolam e se constituem as relações internacionais contemporâneas¹⁵.

Cresceu, portanto, a demanda pela participação de novos atores sem ligação com instituições, gerando cada vez mais interesse em assuntos de competência internacional¹⁶. Ora, é dessa maneira que entra em jogo o papel da mídia – formadora de opiniões, como *Veja*, por exemplo.

Essa nova realidade diplomática, em que os presidentes são detentores ativos de interesses internacionais e as cúpulas internacionais multilaterais ocorrem com frequência, também alterou a relação entre opinião pública, a mídia e a política externa. Enquanto a política externa estiver intimamente associada com o presidente, seus atos no exterior naturalmente recebem mais atenção da mídia, e a diplomacia é forçada a responder mais a opinião pública, o que também contribui para a politização de assuntos internacionais¹⁷.

14 ALMEIDA, Tânia. *Opções e sentenças em capas da revista VEJA sobre o primeiro governo Lula (Brasil, 2002 a 2006)*. 2008. 176f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2008, p.18.

15 HIRST, Monica; LIMA, Maria Regina Soares de; PINHEIRO, Letícia. A política externa brasileira em tempos de novos horizontes e desafios, *Nueva Sociedad*, Dez. 2010, p.27.

16 CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão e. A mídia e a política externa no Brasil de Lula, *Austral: Revista brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, Porto Alegre, Vol. 1, Nº 2, 2012.

17 *Ibidem*, p.216.

Se for tomada como verdadeira a premissa de que o presidente Lula adotou medidas de política externa advindas das raízes petistas, bem como as mudanças provocadas na agenda de forma a aprofundar relações sul-sul, dando menos ênfase as relações norte-sul do que manda a tradição, aí estão, então, os primeiros pontos de ataque da revista *Veja*. A mesma, desde a criação do Partido dos Trabalhadores se dedicou a demonstrar sua insatisfação com relação ao partido. Com Lula da Silva não foi diferente.

Como explicitado nas capas da revista apresentadas acima, *Veja* se dedicou a exaltar os Estados Unidos, pregando que o Brasil nada poderia tentar de novo no cenário internacional se fosse contra os interesses norte-americanos. O país norte americano sempre foi ilustrado nas capas de *Veja* como soberano e com maior poder de influência no cenário internacional que o Brasil e, conseqüentemente, este deveria sempre se curvar diante dos interesses daquele. Não por mero acaso, seu animal representativo – a águia – apareceu em determinadas capas frente à ave de pequeno porte que representava o Brasil.

O que não se deve deixar de considerar é, justamente, o fato de que o Brasil sob o mando do presidente Lula não deixou de ter relações com o país norte americano. De fato, o que houve foi uma expansão do número de parceiros internacionais, através da estratégia do multilateralismo. Uma vez que o Brasil se torna cada vez mais economicamente independente dos Estados Unidos, este perde sua importância.

No que se refere à criação da ALCA, está teve destaque nas campanhas eleitorais do presidente Lula em 2002 e foi assunto amplamente discutido em âmbito público desinstitucionalizado, tendo sido representando igualmente em capas de *Veja*. De maneira que a revista se colocava a favor do acordo de livre comércio e Lula, em suas campanhas se posicionava contra a implementação da ALCA. A crise econômica de 2008 – ocorrida durante o segundo mandato de Lula – não fez melhorar as relações com os Estados Unidos, e o Brasil se destacou cada vez mais em âmbito internacional.

Ao deixar de manter relações estreitas com os parceiros tradicionais do Brasil, o presidente Lula buscou uma diversificação de parcerias que pareciam insertas para o momento, especialmente quanto às relações estabelecidas com a China, por exemplo. Foi justamente este o ponto que *Veja* mais usou para formar a opinião pública contra o presidente e sua política externa. Se por um lado as relações norte-sul esfriaram; por outro, as relações sul-sul esquentaram. Ao voltar seus interesses para os países vizinhos do continente – especialmente aqueles integrantes do Mercosul –, Lula da Silva aliou-se a países com governos similares ao seu: governos com tendências à esquerda. *Veja*, com seu discurso de direita, se valeu disso para deslegitimar junto ao público leitor o governo de Lula.

Lula da Silva, ao promover sua ruptura com os padrões de política externa buscou a aliança com presidentes de países vizinhos, especialmente como uma forma de se lançar internacionalmente como um líder regional. Representando, assim, uma de suas estratégias para alcançar uma cadeira no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

[...], o presidente Lula adotou uma estratégia de 'autonomia pela diversificação', pela qual o país aderiria a 'princípios e normas internacionais, por meio de alianças Sul-Sul, incluindo alianças regionais e através de acordos com parceiros não tradicionais (China, Ásia-Pacífico, África, Europa Oriental, Oriente Médio, etc), tentando reduzir as assimetrias nas relações externas com os países poderosos'. [...] Obter uma assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas foi, naturalmente, parte integrante desta estratégia¹⁸.

18 *Ibidem*, p.218.

Uma vez mencionados os parceiros não tradicionais – pois os tradicionais seriam Estados Unidos e Europa Ocidental –, é imperativo tratar da questão IBAS (Índia, Brasil e África do Sul) que foi fundamental para a consolidação da estratégia sul-sul. Consistindo num fórum multilateral, o IBAS, ou G3 como também é conhecido, representa uma aliança travada entre Estados emergentes com finalidades políticas, comerciais e estratégicas no globo como um todo.

Ainda no sentido de mudança de eixo das relações de política externa, Lula da Silva participou de outros fóruns multilaterais em busca da diversificação de parcerias entre Estados emergentes como o G20 comercial e o BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Este último se trata de “um mecanismo que não pretende ser uma aliança geopolítica, nem uma organização internacional. É um foro político-diplomático, [...]”¹⁹ que apresenta duas diretrizes: posicionamento em foros internacionais e relações econômicas entre os países membros.

Com tanto ativismo em política externa, não é errôneo, pois, concluir que Lula tenha sido o principal atacado por *Veja*. Se no passado o Itamaraty era o encarregado por tomar decisões de política externa e a mesma se encontrava sendo feita no interior de uma instituição fechada e não politizada, a partir de Lula da Silva, desenvolvendo a política externa presidencialista, o assunto de torna de domínio público e a imagem do presidente é a que se destaca em seu desenvolvimento. Nas palavras de Casarões, “é por isso que a maioria dos ataques contra as relações internacionais brasileiras ao longo dos anos Lula não foram sempre direcionadas ao Itamaraty, mas ao próprio presidente, e para indivíduos e grupos cujas posições eram associadas a ele”²⁰.

Uma das capas mais emblemáticas de *Veja* sobre a maneira como Lula da Silva guiou sua política externa é “O imperialismo megalomaniaco”. Ao buscar um posicionamento acerca de temas de interesse internacional como: “fóruns multilaterais internacionais, relações bilaterais, [...] saúde pública internacional [e] proliferação nuclear”²¹, Lula foi atacado pela revista *Veja* e acusado de megalomaniaco, com um trocadilho de palavras. Tratar de “imperialismo” remonta à estratégia de Lula de se lançar como líder regional não apenas na América do Sul como na América Latina de maneira geral.

O ponto de embate de *Veja* é justamente num dos vieses tradicionais da diplomacia brasileira: o princípio da não intervenção. Ao intervir na política interna de Honduras, por exemplo, Lula vai contra a tradição de política externa. Por outro lado, o que se pode considerar acerca da tomada de decisão de Lula da Silva ao intervir no conflito é política externa voltada para a cooperação internacional. Nesse sentido, cabe rebuscar que o presidente Lula trabalhou no caminho de cooperação em busca de diminuir as assimetrias do cenário internacional.

A respeito do trabalho da mídia em geral, durante as duas gestões de Lula, pode-se afirmar que esteve todo o tempo dividido entre os que eram a favor e os que eram contra. O aparecimento cada vez mais frequente da temática de política externa no meio desinstitucionalizado acresceu a demanda por internacionalização de setores antes competentes apenas no âmbito doméstico.

Entre os pontos de discordância e ataque à figura de Lula da Silva, encontram-se demasiado “personalismo” nos assuntos de política externa, de forma a aproximar-se do que um dia foi chamado de Terceiro Mundo – hoje engloba países emergentes –, afastando-se da

19 REIS, Maria Edileuza Fontenelle. Mesa-Redonda no Palácio Itamaraty. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá (org.). *Debatendo o BRICS*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013, p.17.

20 CASARÕES, *op.cit.*, p.219.

21 HIRST & LIMA, *op.cit.*, p.24.

América do Norte – em especial os Estados Unidos da América –, no que ficou conhecido como anti-americanismo e por último, a presença de um conselheiro pessoal de política externa também foi alvo de críticas por parte da mídia opositora.

Elevando o Brasil a um nível internacional nunca antes visto, a política externa desenvolvida nos anos de governo Lula tratou de diversos temas domésticos e internacionais. A mídia no meio disso aproveitou cada detalhe do que aconteceu, fosse para favorecer Lula da Silva ou denegrir sua figura. Guilherme Casarões afirma categoricamente que:

a pluralização de atores com participação nos assuntos externos permitiu à mídia de massas trazer a diplomacia ao topo de sua agenda. A Presidencialização, por sua vez, levou a política externa para campo de batalha política, para o bem ou mal. Ao passo que isso pode parecer uma deficiência para um presidente carismático, a julgar pelo número e intensidade dos ataques que Lula recebeu, isto também pode ser uma importante vantagem. Afinal, a aprovação popular da política externa seguiu a enorme popularidade do presidente, que acabou por solapar quaisquer tentativas de [mídias] em definir a agenda da política externa²².

O aparecimento da política externa nas capas da revista *Veja* contribuiu para que a sociedade se visse envolvida e fazendo parte da construção da reinternacionalização do país. Ainda que se possa afirmar que *Veja* apresentava o presidente e seu governo sob uma ótica manipulada e pessimista, não se pode negar que a mesma contribuiu para a popularização do tema.

Considerações Finais

Ao servir de meio pelo qual atores políticos ganham visibilidade, a mídia – no caso do presente, a revista *Veja* – no governo Lula não apenas levou ao meio público desinstitucionalizado a imagem do presidente como seus trabalhos em política externa. Este tema, que até então era pouco visível e trabalhado pelo público comum, passa a fazer parte do cotidiano das pessoas. A escolha do dispositivo de capa da revista semanal *Veja* não se deu por mero acaso. Ao longo de seus 8 anos de mandato, bem como no período das eleições de 2002, Lula da Silva figurou grande partes das capas da revista. A temática de política externa, após consolidada a política externa presidencialista também esteve presente em certas capas.

Ao analisar o discurso ideológico de *Veja*, juntamente com as ilustrações trazidas em suas capas, foi possível ver, claramente, a defesa de uma governança global gerida num eixo norte-sul. O que quer dizer que a revista criticou duramente Lula da Silva quando este, no exercício do poder, voltou suas atenções para a formação de um eixo de relações internacionais sul-sul, dando mais ênfase a países emergentes, em detrimento das grandes potências.

Veja agiu como um meio de comunicação manipulador que, ao ilustrar o governo Lula em suas capas, interpelava o leitor, de maneira a fazer julgamentos e avaliações, praticando a parcialidade que caminha junto ao anti-jornalismo. Quanto ao conflito entre mídia e governo propriamente dito, este permeou e ainda permeia nos meios desinstitucionalizados entre governo e oposição, ainda que mudem os atores, a época e o local.

Recebido em: 03/08/2018

22 CASARÕES, *op.cit.*, p.231-232.